

## VIII Congresso Internacional de Convergência

Barcelona 2023

### QUE ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA HOJE?

#### Ética e política da psicanálise. Análises remotas

Já instalados em tempos de pós-pandemia, a análise por meio de telas, videochamadas ou celulares se tornou comum. A prática da psicanálise remota se estabeleceu com demandas de análise na cidade onde o analista reside, de cidades do mesmo país ou de diferentes partes do mundo, ampliando a possibilidade de sustentar as análises até então limitadas pela distância geográfica. A partir de sua singularidade após os tempos de quarentena e isolamento social, cada analista retomou as análises que conduzia ou iniciou novas análises presenciais exclusivamente, on-line ou alternando virtuais e presenciais.

Lacan no Seminário de A Ética coloca que o paciente apresenta uma demanda de felicidade ao ir para o tratamento. O analista se oferece para receber essa demanda de felicidade, mas contrária à ética aristotélica, enquanto não procura a felicidade como o bem supremo. O que sim propicia é alcançar momentos de felicidade possível. A direção da cura sustenta que se fale, é uma ética da palavra, enquanto ao falar o sujeito encontra sua verdade. É, então, uma política do sintoma, mas não para erradicá-lo, mas para produzir sua leitura. A psicanálise é sustentada por uma ética da qual emerge uma política, uma estratégia e uma tática.

A ética determina a direção da cura. Não é o mesmo que nos proponhamos eliminar o sintoma pretendendo que o analisante encontre a felicidade de que no atravessamento de uma análise o sujeito se encontre com o real do gozo parasitário que o mantém preso e possa fazer algo com isso. A aspiração de uma análise é resgatar o enigmático, aquilo opaco que carrega um sintoma. É assim que um sujeito poderá parar de sofrer para encontrar "o viés de uma vida mais feliz". É um saber e fazer com isso em sua própria singularidade, alcançar uma habilidade singular que nos permita relacionar-nos com os outros, registrar-nos com um nome próprio, erguer-nos um pouco em nosso narcisismo com um pequeno escabelo.

Freud inventou um dispositivo para a cura das neuroses que, como ele advertiu, se adequava à sua mão. O dispositivo da cura que, além dos invariantes fundamentais da livre associação, da transferência e do desejo do analista, inclui de forma contingente a intimidade do consultório, o uso do divã, o número de sessões semanais conforme estabelecido por Freud, constituindo o modelo que faz referência para nossa prática. Mas o mestre não se privou de analisar na montanha, em uma viagem de trem, ou através de um pai para operar analiticamente com uma criança. A frase de Lacan "Faça o que eu faço, não me imite" convoca todo analista a produzir algo novo, a inventar. É assim que ele nos exorta a sermos hereges "no bom sentido".

O que a psicanálise propõe é sustentar dispositivos e artifícios que possibilitem que a palavra continue a ser dita, que o significante se desdobre. Sabemos que isso só é possível quando há alguém disposto a ouvir, quando um analista coloca seu desejo em jogo constituindo-se como semblante do objeto para que a transferência seja instalada. O que Freud e Lacan nos ensinaram é que isso não é exclusivo do âmbito do consultório. O que eles nos transmitiram não é voltar atrás, é usar os recursos que temos para que um sujeito tenha a possibilidade de colocar palavras em seu sofrimento. E isso pode ser em certas condições ideais no divã de um consultório,

mas também pode ser desenvolvido nas montanhas, em um trem ou nos meios virtuais e telas que a tecnologia nos oferece hoje.

É verdade que o encontro virtual pelo celular, ou uma tela, não é o mesmo que a reunião entre analisante e analista em um consultório. Quem detemos a clínica da Psicanálise podemos afirmar que a possibilidade de uma análise depende fundamentalmente de que o desejo do analista sustente a transferência para que um sujeito implante os significantes que o mantêm alienado e o gozo parasitário que o fixa ao seu sintoma. É isso que define uma análise e não o artifício em que o encontro ocorre. O que devemos definir é a lógica que se sustenta em cada dispositivo. Não é o mesmo que a presença do analista seja oferecida no lugar do semblante do objeto na transferência para que o analisante desdobre seu leque pulsional, do que quando a relação analisante-analista se sustenta na presentificação da pulsão escópica e a invocante deixando de fora os corpos de analista e analisante.

Não se trata apenas do uso de meios tecnológicos para se adaptar como utilidade prática para a continuidade da análise, ou ceder ao conforto tanto do analisante quanto, por que não dizer, dos analistas. Trata-se de abrir a possibilidade do desdobramento dos significantes e objetos pulsionais na cena da análise. É na transferência que se joga o destino de uma análise. Os artifícios que um analista oferece ao analisante constituem a aposta de que a palavra continue a ser dita, seja através de uma tela ou no dizer de um sujeito deitado em um divã.

Há presença do analista até mesmo na comunicação através do celular. É preciso diferenciar o encontro presencial dos corpos em sessão, da presença do analista. A nossa presença não se reduz à presença da nossa pessoa. Muitas vezes um analisante relata como se sentiu acompanhado por seu analista para abordar o objeto de seu desejo, evoca nossas palavras em alguma situação importante de sua vida ou relata como nossa presença o ajudou a fazer uma escolha relevante. A presença do analista vai além de sua presença empírica. A presença do analista não é in-corpore, mas faz parte do conceito de Inconsciente e é isso que Lacan define como a presença do analista.

É verificável, a partir do que um sujeito traz para sua análise, que o caminho virtual não é um obstáculo para que a transferência em suas caras simbólica, imaginária e real apareça na cena da análise. Assim, um analisante que mora na Espanha e que realiza sua análise virtualmente diante duas mudanças consecutivas de horário reclama furiosamente que não se sentiu "contido", que as mudanças se deviam ao fato de que eu não o tive em conta em suas necessidades. Demanda de amor deste analisante que em sua infância não se sentiu "tido em conta" por sua mãe, desde que ela o "teve". Ter é o significante que no espanhol da Argentina nomeia a parição e a maternagem de um filho. Uma interpretação era necessária para que o significante con-tido se referisse a "tido".

Uma jovem paciente mãe de 2 filhos que mora fora da Argentina e mantém sua análise há dois anos por videochamada quando ofereço sessões presenciais em Buenos Aires ante sua próxima viagem à Argentina propõe que as sessões sejam no apartamento que ela alugou com o argumento de que, enquanto eu me mudava da minha província para Buenos Aires, certamente precisaria de um lugar para atendê-la. Respondo que as sessões serão no consultório onde atendo em Buenos Aires, agradecendo seu oferecimento. Uma limitação no real era necessária como um corte para um gozo incestuoso que a analisante jogava na transferência.

Uma jovem de uma província distante a 300 km do meu lugar de residência, que em outros tempos havia sustentado sua análise presencial em viagens

quinzenais, retoma sua análise virtualmente depois de vários anos ante a morte súbita de seu marido por Covid na pandemia. Nos primeiros dias, ela passa grande parte de suas sessões tentando elaborar a perda repentina de seu marido e organizando sua vida pessoal na qual ela tinha de cuidar de três filhos pequenos, da fazenda da família e das dívidas que ele havia deixado. Procura no analista apoio e acompanhamento diante do enorme peso do luto e das tarefas a serem realizadas. As sessões por videochamada, para as quais a paciente se arrumava meticulosamente, permitiram que ela armasse uma borda no espelho do outro que lhe dava uma imagem unificada para o desintegrado e caótico de sua situação.

Escolhi essas vinhetas que mostram as coordenadas por onde transitam essas análises que são processadas por meios virtuais que possibilitam uma interpretação no simbólico, ou uma intervenção no real ou no imaginário. Podemos nos perguntar: há uma diferença entre essas análises remotas e aquelas que transitam pessoalmente em termos do lugar do analista na transferência, sua posição como semblante de objeto e as possíveis intervenções?

Após o tempo da pandemia, tornou-se necessário convocar muitos dos meus analisantes que moram na minha mesma cidade para retomar suas análises pessoalmente. O que motivou essa decisão que eu acho que é compartilhada por muitos analistas? Houve uma certa insuficiência nas análises a partir da ausência dos corpos? Podemos pensar que a presença física é necessária em uma análise sobre o nó RSI? Estas são questões que devemos trabalhar enquanto fazem à prática das análises ali onde estamos no horizonte do nosso tempo.

Além das variantes de cada análise que conduzimos onde a estratégia e a tática poderão ser diversas, o que devemos manter é a política que emerge de uma ética. Ética que se sustenta em cada análise, seja presencial ou virtual. Trata-se em cada artifício que inventamos para que uma análise seja possível de manter uma política do Sintoma e do Sinthome. Política do sintoma que dá origem à palavra e ao desejo, promovendo assim um efeito de verdade sobre o sujeito. Mas é também uma política do Sinthome. Uma análise produz um saber-fazer com isso, um acesso à possibilidade de criação, uma heresia que permite ao sujeito saber fazer com o que se tornou um erro em seu nó, um nome para si mesmo que vai além do nome que lhe foi dado. Uma análise em seu final nos coloca diante do irremediável e é lá que o sujeito pode alcançar uma margem possível para fazer algo com o real. É uma invenção que torna possível suportar o impossível e fazer com isso irredutível que a existência nos reserva. Implica um saber-fazer com o gozo para a vida, uma maneira de gozar que diz respeito ao corpo para alcançar o viés de uma vida um pouco mais feliz.

**Alfredo Ygel**

**Grupo de Psicanálise de Tucumán-**

**Instituição de Formação Psicanalítica**

**Barcelona, maio de 2023**